

## Diálogos marginais: As identidades periféricas em João Antônio e Lima Barreto

Professor Dr. Idemburgo Frazão (UNIGRANRIO)

### Resumo:

*Em um momento em que a fluidez marca o ritmo da vida contemporânea (a vida líquida, para lembrar dos estudos de Zygmunt Bauman), o lixo surge como símbolo de uma época repleta de figurações da marginalidade. Obras como Cemitério dos vivos, de Lima Barreto e Cemitério dos elefantes, de Dalton Trevisan - para citar textos de períodos diferentes da literatura brasileira - fornecem elementos para que se reflita sobre a problemática da exclusão social, com ênfase no caso da loucura. O presente artigo intenta refletir acerca da temática da marginalidade na literatura brasileira e interpretar narrativas de João Antônio e Lima Barreto que tiveram como tema central a internação em hospitais psiquiátricos. O primeiro autor, no início do século XX e o segundo, no final desse mesmo século, trataram da temática da exclusão de maneiras diversas, entretanto, como jornalistas que eram, baseavam-se na crônica de grandes cidades, como o Rio de Janeiro e São Paulo. Esses escritores foram cronistas de seu tempo, tornando suas narrativas testemunho de situações de marginalidade. Se João Antônio convivia propositadamente com atores periféricos para criar sua ficção, Lima vivia e via o mundo por um prisma marginal.*

**Palavras-chave:** Lima Barreto, João Antônio, marginalidade, periferia, exclusão social

### Introdução

O presente trabalho intenta promover um diálogo entre as obras de Lima Barreto e João Antônio, levando em consideração suas trajetórias biográficas e literárias, a partir da discussão de aspectos relacionados à questão da marginalidade na literatura brasileira. Os textos do Diário do Hospício (em diálogo com *Cemitério dos vivos*) de Lima Barreto e de Casa de loucos, de João Antônio, servirão de base para a reflexão sobre a maneira como os loucos se veem e são tratados na sociedade. As reflexões que aqui serão realizadas buscam aproximar as questões sobre a marginalidade tratadas por esses dois autores dos debates atuais acerca da exclusão social, das chamadas minorias e das reconfigurações das identidades no mundo contemporâneo.

Em um primeiro momento, os assuntos aqui comentados serão inseridos em um debate mais amplo, relativo às identidades na chamada pós-modernidade, apresentando enquanto aspecto importante a transformação das pessoas (no caso os atores sociais periféricos) em resíduos humanos. Enfatizar-se-á, nesse momento, que a grande marca da contemporaneidade é a presença constante do lixo em um cotidiano marcado pela fluidez - pela rapidez das mudanças em vários aspectos da vida em sociedade.

Em seguida, serão destacadas nuances relativas à utilização das palavras “marginal” e “periferia” na literatura, tendo como preocupação central a atribuição do termo marginal em alguns momentos história recente da literatura, como é o caso da obra de Carolina de Jesus, na décadas de 50 e 60, da poesia marginal (década de 1970) e

da “literatura marginal de autores da periferia” (primeira década do século XXI). Na última parte do trabalho, serão estudadas mais diretamente as narrativas e trajetórias literárias de Lima Barreto e João Antônio, com ênfase, como se disse há pouco, no caso da loucura. Esse problema está centrado no problema da exclusão social, que termina por tratar os cidadãos como “refugos humanos”.

### **A era do lixo e as instâncias da marginalidade na literatura**

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, ao tratar da sociedade contemporânea, em suas obras costuma apontar para uma das peculiaridades desse momento: o lixo enquanto símbolo da transformação das pessoas em mercadoria e, mais ainda, em resíduos humanos.

A nova plenitude do planeta significa, essencialmente, uma crise aguda na *indústria de remoção do refugio humano*. Enquanto a produção do refugio humano prossegue inquebrantável e atinge novos ápices, o planeta passa rapidamente a precisar de locais de despejo e de ferramenta para a reciclagem do lixo. (Bauman, 2005, p. 13)

Vários autores contemporâneos têm se dedicado à relação da cidadania com o consumo, dentre eles o argentino radicado no México, Nestor Garcia Canclini. Esse estudioso entende que as identidades se organizam, atualmente, em torno dos símbolos produzidos pela mídia além dos propriamente nacionais. Segundo Canclini, “ a identidade é uma construção que se narra”. Como afirma Bauman, em suas obras *Vida líquida* e *Identidade*, a pós-modernidade traz, em sua marcante fluidez, um mal-estar caracterizado pelas incessantes mudanças que ocorrem no cotidiano, principalmente em relação às identidades (propositadamente, aqui, escrita no plural). Essas avalanches fluidas de mudanças identitárias forçam reavaliações na própria perspectiva espacial.

Tem-se percebido, principalmente no início desse terceiro milênio, uma preocupação, não apenas governamental, com políticas que auxiliem no desenvolvimento de projetos culturais, principalmente nas chamadas classes populares. Várias manifestações culturais das chamadas comunidades carentes têm sido, inclusive, divulgadas nos grandes meios de comunicação. O termo periferia, antes visto apenas por um ângulo negativo, atualmente vem recebendo novos sentidos, embora, em termos econômico-sociais, não tenha ocorrido, efetivamente, mudanças. A periferia continua sendo o “lôcus” dos desfavorecimentos, entretanto, as chamadas “vozes dos guetos” apenas mencionadas pelos próprios atores sociais das elites (portanto do centro), já começam a “levantar a voz” e buscam, por si mesmos, seus caminhos. Assumindo uma identidade periférica, marginal, alguns grupos de comunidades carentes do Brasil, parecem começar a ficar atentos à relação com seus novos parceiros, sejam eles a mídia, as instituições, governamentais ou não. Como afirma Heloisa Buarque de Holanda, na apresentação da Coleção Tramas Urbanas, de sua Editora Aeroplano, na apresentação do livro de Érica Nascimento (2009): a coleção “é uma resposta editorial, política e afetiva ao direito da periferia de contar sua própria história”.

Com certeza, escritores como João Antônio e Lima Barreto, gostariam de saber que, mesmo tardiamente, no terceiro milênio as vozes da periferia começaram a se fazer ouvidas. As trajetórias desses dois “escritores preocupados com a periferia” estão

marcadas exatamente pela utilização da palavra escrita em favor do que podia ser entendido enquanto marginal e periférico. O carioca Lima Barreto e o paulista-carioca João Antônio são escritores que dedicaram suas vidas ao trato de questões relacionadas às camadas menos favorecidas - do Rio de Janeiro, no caso de Lima e Rio e São Paulo (principalmente, mas não apenas) -, no caso de João Antônio. Foram esses dois autores, na literatura brasileira, os que mais denunciaram os problemas da camada marginalizada da população brasileira, Lima Barreto no início do século XX e João Antônio a partir da década de 1960. Os termos marginal e periférico eram utilizados sempre em sentido negativo. Homem que viveu em um período em que a sociedade ainda era influenciada pela hegemonia filosófica do positivismo, pelo determinismo, pelo darwinismo, marcantes na ciência do século XIX, Lima Barreto sofreu na pele as conseqüências. Sentia-se um marginal, principalmente por ser pobre, negro e suburbano. Mas adicionado a isso, suas intenações por alcoolismo e a interferência da polícia, o atingiam fortemente. João Antônio, que sempre afirmou ser Lima Barreto o melhor autor nacional, segue o caminho de seu mestre, trabalhando com temáticas inerentes à marginalidade, - inclusive se internando em um hospício, em pleno período da repressão militar, João Antônio publicava narrativas repletas de gírias, de questões ligadas ao submundo, às chamadas camadas baixas da população.

## **Marginais e periféricos na literatura brasileira**

Quando o assunto é literatura marginal, geralmente vem primeiro à mente um tipo de poesia realizada em torno da década de 1970, também conhecida como “geração mimeógrafo”. Mas antes desse período, o termo “marginal” já fora utilizado em relação a outros autores como, Maria Carolina de Jesus, João Antônio, Lima Barreto, dentre alguns outros. Antes de pôr em diálogo as obras aqui propostas, a partir do viés da marginalidade e das periferias, sob o signo da loucura, torna-se importante, tecer um breve comentário sobre as figurações das temáticas da marginalidade e das periferias na literatura brasileira. Os principais focos dessa parte do trabalho são: a poesia mimeógrafo, as narrativas e a biografia de Carolina de Jesus, João Antônio e Lima Barreto. Em alguns momentos do texto, as questões relacionadas a esses autores serão postas em diálogo com uma das mais recentes vertentes da “literatura marginal”, que se autodenomina *marginai e de periferia*. São os autores de uma literatura marginal realizada diretamente por moradores da periferia (no caso da cidade de São Paulo), mais especificamente os participantes da COOPERIFA (Cooperativa Cultural da Periferia). O trabalho dessa cooperativa, que atingiu visibilidade a partir da publicação de obras de seus participantes, principalmente do escritor, Ferréz na revista *Caros amigos*, tornou-se um dos eixos temáticos de uma tese da área da sociologia, transformada em livro, denominado *Vozes marginais na literatura*, da autoria de Érica Peçanha do Nascimento (2009). Alguns trechos dessa obra serão aqui utilizados, no trato da problemática da literatura marginal e da periferia.

A palavra marginal serve como adjetivo para aqueles que não seguem efetivamente as leis e também para quem não segue à risca os costumes sociais. Essa

duplicidade de sentido que lhe é inerente, faz com que, muitas vezes, o termo seja interpretado apenas pelo primeiro prisma: o da criminalidade. O segundo sentido, geralmente postergado, relaciona-se, em termos sociológicos, às pessoas envolvidas por nuances inerentes à marginalização social. São exemplos disso os mendigos, os loucos, os desempregados, os migrantes, membros de minorias raciais, dentre outros. Os marginalizados, nesse segundo sentido, poucas vezes conseguiram ter voz nos parlamentos, nas tribunas, na sociedade como um todo. No caso da literatura, um dos primeiros escritores a enfrentar o desafio de tratar a sério os problemas das comunidades periféricas e dos cidadãos marginalizados foi Lima Barreto. Ele próprio era integrante dos grupos dos periféricos e marginais, por domiciliar-se nos subúrbios do Rio de Janeiro e ser mulato, alcoólatra. A carreira literária do autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* corre par e passo com seus traços biográficos. Ou seja, Lima sentia-se um escritor marginal e da periferia. Não se trata, em seu caso, de simplesmente morar nos subúrbios e ter problemas com o alcoolismo. Ele internalizava essa condição de marginal e periférico e suas narrativas estão repletas de passagens que ratificam isso, como se pode ler, principalmente em seus “escritos de si” (GOMES, 1994), centrados em seus diários e cartas.

### 3.1 Do lixo à literatura

Já, Maria Carolina de Jesus, cuja obra *Quarto de despejo* tem sido considerada a primeira a tratar de problemas da periferia a partir do próprio olhar e, mais ainda da vivência de um ator social periférico. Carolina é considerada, pioneira, inclusive pelos novos autores da chamada literatura marginal dos escritores de periferia, como Ferréz e Sacolinha, integrantes da Cooperifa. O escritor Ferréz afirma que “a primeira autora marginal foi a Carolina de Jesus. Ela era negra, favelada, catava papelão. Escreveu o livro *Quarto de despejo*, que foi publicado em quarenta países, ganhou dinheiro, mas cometeu o erro de ‘entrar para a sociedade’. Ela torrou todo o seu dinheiro e morreu pobre”. (Nascimento, 2009, p. 6.) Ferréz afirma que a interferência do jornalista Audálio Dantas teria sido determinante para o distanciamento das narrativas de Carolina das temáticas que a consagraram como “uma das primeiras vozes da periferia na literatura. *Quarto de Despejo* é composta por poemas e narrativas registrados em cadernos, que foram transformados em livro por Dantas. Em 1960, a obra tornou-se um *best-seller*, vendendo mais de 90.000 exemplares em apenas seis meses. Com nove edições no Brasil e várias outras em países estrangeiros. As outras obras, que vieram a seguir, também sob orientações de Audálio Dantas (*Casa de Alvenaria* (1961) e *Provérbios e pedaços de fome* (1963) não deram continuidade ao trato de aspectos relacionados ao espaço em que a catadora de papel transformada em escritora vivia. O lançamento da obra sob a “tutela” de alguém de fora do ambiente periférico causa espécie nos “novos autores marginais moradores da periferia”:

Carolina foi lançada como escritora também por uma conexão extraliterária – um jornalista – interessada em divulgar seus textos baseados em situações vivenciadas. Mas, ao contrário de Sérgio Vaz, Ferréz e Sacolinha, não era o projeto literário da autora retratar as experiências de grupos e espaços marginais, tampouco de atuar em

nome da posituação do que é peculiar a eles, da promoção da leitura ou da produção e circulação de bens culturais na periferia. (Nascimento, 2009, p. 236)

A obra de Carolina continha uma contundente denúncia da penúria, da miséria e, por conseqüência, dos desleixos das autoridades públicas em relação ao problema das periferias.

Também para o poeta Sacolinha, integrante do grupo da Cooperifa, “Carolina de Jesus é um contraponto interessante” às trajetórias dos escritores radicados na periferia, “primeiramente, por ser um caso individual de autora originária de classes populares e moradora em favela que se “tornou” exceção cultural” nos anos de 1960” ((Nascimento, 2009, p. 236)

### **3.2 Marginal por ofício**

A preocupação com a marginalidade das periferias, como se tornou notória, é a base do trabalho literário de João Antônio. Jornalista e escritor, esse autor trouxe para o conto as instâncias da crônica, da notícia de jornal. Seu trabalho literário, a partir do lançamento de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, foi reconhecido na literatura brasileira por pôr em destaque personagens e situações da periferia. A obra de João Antônio tem como maior característica, exatamente a problematização de aspectos relativos à marginalidade (em vários de seus sentidos e níveis). Embora não pertencesse às elites econômicas e tenha se transformado em uma das “vozes” denunciadoras da marginalização dos atores periféricos, J.A. também não pode ser considerado um autor de uma literatura marginal da periferia, como Ferréz, Sacolinha e Sérgio Vaz (os autores mais conhecidos do grupo da Cooperifa). Mas a relevância de João Antônio em relação ao trato dessas temáticas é reconhecido por estudiosos antigos e também pelos mais recentes, como é o caso de Érica Peçanha do Nascimento:

A amplitude da expressão permite descrever a trajetória de diversos escritores brasileiros sob a rubrica marginal, mas cabe dar destaque a alguns autores que estiveram mais frequentemente associados a ela – e que, posteriormente se tornaram referências para os escritores estudados pela pesquisa aqui apresentada. Um deles é João Antônio (1937 – 1996), que entre os anos 1960 e 1970 lançou obras (...) que buscaram retratar experiências e práticas de lazer (os jogos de sinuca, por exemplo) dos membros das classes populares, dos malandros”, contraventores e trabalhadores. (Nascimento, 2009, p. 39)

Nascido em uma maternidade, na Bella Vista, em São Paulo, criado no Morro da Guarda, esse “discípulo confesso” de Lima Barreto, se dedicou, à questão dos cidadãos das periferias do Rio de Janeiro e de São Paulo. J.A. é um escritor cuja obra é radicada na marginalidade, no lixo. Como afirmou Jorge Amado na apresentação de uma das obras do contista “João Antônio trabalha com o lixo da vida e com ele constrói beleza e poesia” (Severiano, 2005, p. 196) Em outro momento, o romancista baiano enviou

uma carta onde dizia que João Antônio era “o Lima Barreto de nosso tempo” (idem, p. 238). Seu biógrafo Milton Severiano narra inúmeras passagens em que o amigo, propositadamente, tornava-se integrante do ambiente que lhe serviria de matéria, não apenas para as reportagens como, principalmente para, a partir de sua vivência na periferia das cidades, escrever seus contos (Severiano, 2005). Não apenas as periferias de São Paulo e Rio de Janeiro, como também Salvador, foram contempladas pelos textos de João Antônio. É importante ressaltar, aqui, o fato de serem os livros de contos desse autor, híbridos, a ponto de, em uma mesma obra poder-se encontrar, por exemplo, um texto ficcional ao lado de uma entrevista, como a que realizou com o ator Paulo Gracindo, no livro *Malhação do Judas carioca*. (Antônio, 1981, p. 73 )

### **3.3 Marginalidade como fardo**

Conhecido, principalmente, por seu romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, como se sabe, Afonso Henriques de Lima Barreto, nasceu no Rio de Janeiro e teve suas obras lançadas no início do século XX. Criticado por seus contemporâneos, afeitos, ainda, ao paradigma literário parnasiano, após o advento do Modernismo, começa a ser respeitado, principalmente por sua inclinação ao trato de assuntos e aspectos relacionados aos cidadãos da periferia, principalmente dos subúrbios. Ele próprio, um suburbano, com uma capacidade jornalística reconhecida por seus colegas de ofício, assumia essa condição, de maneira crítica. Se em seus romances encontramos situações da periferia e do centro da cidade ficcionalizados, em suas crônicas, muitas vezes, de forma direta criticava seus contemporâneos, principalmente os “falsos doutores”, literatos e o poder público. Juntando a essa condição de morador da periferia, inúmeros problemas pessoais, principalmente os relacionados ao alcoolismo, fizeram com que o escritor sentisse na pele, em seu cotidiano, um marginal. Se obtivera certo reconhecimento como jornalista, suas atitudes, que incluem tratamentos em casas psiquiátricas, demonstram um forte descontentamento de sua parte. Inserido no rol dos chamados “escritores malditos”, Lima Barreto, ao invés de utilizar essa alcunha como escudo, arma, ou mesmo como forma de promover seus trabalhos, como tem ocorrido com alguns “escritores da periferia”, na atualidade, ao contrário, internalizava essa “marginalidade”, sem saber ou querer digeri-la .

Os chamados escritores marginais da periferia, como se pode perceber em suas entrevistas, obras e atitudes, assumem a condição de marginal como forma de enfrentamento e de dar visibilidade para suas obras. Se Carolina de Jesus se apresenta como moradora da periferia que descreve acontecimentos de seu “lócus”, relacionados à penúria, à miséria, Lima é, em realidade - partindo de suas próprias reflexões - o representante dos descontentes em relação ao posicionamento periférico, em suas condição de intelectual.

### **3.4 Marginal por liberdade**

Já a chamada poesia Marginal, da década de 1970, como é notório, não se encaixa nas discussões aqui mantidas, relativas à vivência em periferia. O termo

“marginal”, nesse caso não indica a condição social, como ocorre com os autores da periferia já citados. Esses poetas são representantes de uma geração que cresceu sob o estigma do medo da repressão militar, dos chamados “anos de chumbo”. Pertencem à classe média, entretanto, assumiram posturas críticas diante da repressão militar. Não se engajaram em movimentos políticos, em uma efetiva “literatura de protesto”, mas se mantiveram à margem das engrenagens do poder, inclinando-se mais à chamada contracultura. Alguns dos chamados poetas marginais participaram do tropicalismo, atuaram como compositores, aproximando a poesia da música. A “marginalidade”, no caso dos “poetas marginais” da década de 1970, se refere à não inserção no mercado editorial. A também chamada geração mimeógrafo marcou época ao não depender das editoras para imprimir e divulgar seus trabalhos. Despojados, os vendiam nas portas dos cinemas, nos bares, enfim, em diversos locais públicos.

Dentre os poetas marginais, como Chacal, Charles, Cacao (Antônio Carlos de Brito), destacam-se aqui, pela temática abordada, Torquato Neto (que costuma ser inserido também no movimento tropicalista) e Ana Cristina César (poeta que se tornará bastante conhecida na década de 80), cujas mortes trágicas (por suicídio) apontam para um sentido radical da marginalidade, no caso, referente a um profundo mal estar na sociedade. Nesse sentido, Torquato e Ana C. internalizaram a marginalidade, não no sentido econômico, mas da dificuldade de aceitar a sociedade como ela se apresentava na época. Por esse viés, esse dois poetas se aproximam de Lima Barreto, tendo Lima (consciente ou inconscientemente) optado pelo alcoolismo, resistindo ao impulso do suicídio. Em vários momentos, o autor de *Cemitério dos Vivos* menciona sua dificuldade em seguir o que muitos denominariam “seu destino”.

## **Caranguejos e paquidermes**

A loucura, dentre outras formas de marginalização, como a mendicância e mesmo a reclusão criminal, não ocorre, obviamente, apenas nas camadas mais pobres da população. Entretanto, o que Lima Barreto aproximava do inferno”, atinge seu limite inumano quando às condições psicológicas são adicionados desleixos sociais e mal-tratos advindos de preconceitos. Na sociedade contemporânea, o tratamento da loucura, após os estudos de autores como Michael Foucault e de trabalhos de profissionais como a brasileira Dra, Nise da Silveira, tem se modificado bastante, mesmo assim, o estigma de marginal é parceiro permanente do da loucura. Lima Barreto e João Antônio perceberam bem isso, não apenas através de seus trabalhos jornalísticos como presenciaram momentos em que a proveniência dos atores sociais da periferia, de mãos dadas com problemas pessoais não resolvidos transformam as pessoas em “refugos humanos”. Tornar-se “refugo” significa perder a identidade. E isso ocorre, como se vem mostrando até aqui, na o apenas no caso dos doentes mentais. A identidade social, vista pelo prisma da marginalidade dos atores sociais da periferia, gera uma baixa-auto estima, causadora, de traumas, como os revelados, direta ou indiretamente por Lima Barreto em suas narrativas ficcionais e em seus “escritos de si”.

Desde o início de sua carreira como jornalista, o escritor Lima Barreto, na virada do século XIX para o XX, se preocupava com as desvantagens caracterizadoras dos moradores das comunidades periféricas. Os subúrbios do Rio de Janeiro se

transformaram em um dos temas mais importantes estudados pelo escritor. Antes mesmo de suas internações por alcoolismo, o sentimento advindo do fato de ser um suburbano e escritor sem renome serviam de mola mestra para a criação de textos contundentes em termos de denúncia e crítica não apenas ao poder estabelecido, quanto aos próprios moradores. Principalmente em seus diários, cartas e crônicas, Lima deixava claro que era doloroso ter clareza dos efeitos desníveis e dos preconceitos sociais. Lima levava ao extremo essa percepção, a ponto de não conseguir resistir aos efeitos de sua condição de homem negro, pobre e suburbano.

#### 4.1 Marginais e periféricos

Não habitar o centro, percebia Lima Barreto, ser diferente, fora dos paradigmas sociais, significava ficar à margem. João Antônio e Lima Barreto seguem trajetórias que, em alguns momentos, se distanciam, mas que, em muitos outros, se aproximam. Barreto, jornalista, funcionário público pouco afeito ao funcionalismo, lamentava a ausência de notoriedade em relação ao seu trabalho literário. Já o escritor paulista, autor de *Casa de Loucos*, advindo de família de pouca renda, jovem ainda, consagra-se como escritor, com o seu *Malagueta Perus e Bacanaço*. A partir de então, o contista se aproxima do jornalismo. Enquanto Lima Barreto militava no jornalismo e dele extraía muitos de seus temas, João Antônio torna-se jornalista depois de consagrar-se como escritor.

Marginalidade e periferia são matérias primas dos dois autores, entretanto, Lima Barreto, precursor no trato da marginalidade, internalizava tal condição a ponto de quase sucumbir a ela. A experiência de Lima Barreto e João Antônio no hospício, relatada, respectivamente em *Diário do Hospício* e *Casa de Loucos* os leva a perceber mais profundamente os resultados da ação da sociedade sobre aqueles que, por algum motivo, tornam-se marginais. No caso do paciente psiquiátrico advindo da periferia a degradação é ainda maior:

Quando Lima Barreto deu ao hospício o epíteto de *Cemitério dos vivos*, título do seu romance inacabado originado das notas do diário, concentrou na expressão toda a poética mórbida capaz de simultaneamente atrair e aterrorizar, tão presente em toda a iconografia ocidental, desde pelo menos a idade média. (Hidalgo, 2008)

Alfredo Bosi escreve, comparando o escritor paulista a Lima Barreto: “João Antônio revive o perfil do boêmio amargo e clarividente que teve nas letras brasileiras o exemplo ardido de Lima Barreto. Mestiço, pobre, suburbano, noctívago, etílico, anarquista ou quase, homem da escrita e do jornal: quantas afinidades guardadas nas entranhas da memória!” (Severiano, 2005, p.60) Coincidência ou não, como seu mestre, João Antônio, na década de 70, internou-se em uma Casa de Saúde por motivo de um Stress. Dessa internação nasce o conto *Casa de Loucos*, publicado em livro homônimo, juntamente com outros textos. No prefácio dessa obra, Wilson Martins compara João Antônio a Lima Barreto, afirmando que *Casa de loucos* “culmina com um texto aos moldes limabarretianos” (Antônio, 1994, p. 13).

#### 4.2 Na casa de loucos



O escritor paulista se interna no Sanatório da Muda, da Tijuca, no Rio de Janeiro. Ali, se dedica à leitura e à releitura da obra de Lima Barreto. Naquele momento começava a escrever o texto de *Calvário de porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*.

Além dos comentários sobre os internos há uma descrição de um dos pavilhões do Sanatório:

O Vietnã, abrigando uns 130 pacientes, apenas homens, mas em promiscuidade num pavilhão térreo, é o pavilhão dos doentes crônicos, de mal a pior, passando mal, os mais agitados, os pirados, os piradões, os piradélicos, os maluquinhos, conforme a linguagem ambiente. Realmente são atacados de esquizofrenia ( a doença impõe fortes depressões afetivas, podendo haver choro, estado de angústica ou de fúria repentina (Antônio, 1994, p. 137)

No pavilhão do Vietnã, como o relato do autor permite que se conclua, a sanidade parece ter perdido a batalha. O louco, refugio humano, comparável a um animal, é jogado nesse Vietnã, que, em realidade, como diria Lima Barreto é um cemitério de vivos. Já o Pavilhão de Repouso,

(...) mistura homens numa ala e mulheres na outra. É independente, há certo nível entre pacientes em que entram bancários, professores, gente profissionalizada e, que de comum, sofrem doença plenamente curável, com repouso, tranquilizantes, aplicação de insulina ou de choque – surmenage, estafa, esgotamento nervoso, certos tipos mais ou menos mansos de neurose. Daí o chamamento sardônico, carregado de despeito, que lhe dão os doentes do Vietnã – ala dos bacanas (Antônio, 1994, 137)

No Vietnam, a promiscuidade indica a marginalidade, a perda da dignidade e a desesperança, no Pavilhão de repouso, “ala dos bacanas”, a esperança de recuperação é a base para a manutenção da dignidade humana. Tal dignidade é tênue, quando a sociedade rotula uma pessoa, diagnosticando-o como louco (alienado, na linguagem da psiquiatria do início do século). O alienado, mais que marginal, é um morto em vida. Menos que um homem, é tratado, muitas vezes, como animal.

## **2.1 No Cemitério dos vivos**

Em uma de suas anotações, no *Diário do Hospício*, Lima Barreto narra uma passagem em que um paciente, ao se revoltar contra uma agressão, tem um ataque de nervos, rasga suas vestes e quase chorando, profere palavras que sintetizam a condição do louco como refugio humano. Um interno, Caranguejo, aleijado, cansado das perseguições que sofria, alterado, dizia: “- Eu não sou nada! Ponha tudo isso fora.. (Barreto, 2010, p. 86). O Diário deixa que se perceba que o louco, internado em um hospital de “alienados”, torna-se um realmente um “refugio humano”.. As roupas e seu corpo, mal-trados pelo tempo, sem valor social não servem para nada. Aleijado, em condição sub-humana, esse louco percebe sua condição e conclui, em sua crise, algo ao

mesmo tempo desesperador e coerente.

Caranguejo, como o animal que lhe serve de apelido, vive na lama, e anda para trás. A conclusão desse paciente contida no Diário do Hospício, ratifica a ideia de que os excluídos, os marginais transformam-se em lixo. Vivem como mortos, em um cemitério de vivos, animais como caranguejos e elefantes. Dalton Trevisan, escritor contemporâneo, em seu belíssimo conto, *Cemitério dos elefantes*, cria um cenário, em que os marginais, mendigos, bêbados, enfim, os excluídos, vivem em um local promíscuo, como a de alguns pavilhões de hospício. Os excluídos, no conto de Dalton, são paquidermes, com seus aleijões, com as pernas enormes, deformada pela doença, - principalmente advindas do alcoolismo, chafurdados na lama. No hospício, denominado “Cemitério dos vivos”, por Lima Barreto e casa de loucos, por João Antônio, os seres humanos, tornados refugos, perdem a identidade, e assumem a pior classificação da marginalidade, a da exclusão total do convívio.

## **5. Conclusão**

Os “refugos humanos” para retomar o posicionamento de Zygmunt Bauman acerca das *Vidas desperdiçadas* (2005) são aqueles que, na contemporaneidade, não conseguem acompanhar a fluidez cotidiana e sua voracidade na transformação do antigo em ultrapassado. O moderno na contemporaneidade, segundo Bauman, de certa maneira, já nasce antigo. Para quem não resiste a fluidez pode transformar em refugio. No caso das denúncias contidas nas narrativas de Lima Barreto e João Antônio, a exclusão se relaciona ao descaso, à hipocrisia da sociedade em relação às diferenças humanas. A marginalidade provocada pela exclusão social, nos dois casos, contém a mesma potência.

O marginal, nessa acepção, é um excluído. Como se destacou no desenvolvimento do presente trabalho, entretanto, o termo “marginal” pode referir-se a autores e/ou grupos diferentes entre si, como é o caso da poesia marginal dos anos 70, os escritos de Maria Carolina de Jesus, Lima Barreto, João Antônio e os “escritores marginais da periferia”

Cada qual com seu tipo de instrumentos literários, esses escritores entregaram-se à exploração, como diria João Antônio, de um Brasil não descoberto, periférico, submerso na marginalidade (ou silenciado). A marginalidade, no caso de Lima Barreto e João Antônio foi sempre entendida como causadora de traumas e seqüelas que, muitas vezes levaram muitos cidadãos ao suicídio.

## **Referências Bibliográficas**

ANTÔNIO, João. *Casa de Loucos*. (Prefácio de Wilson Martins – 4. ed. Revista pelo autor. – Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Beatriz Resende e Raquel Valença (Org.) Volume

2. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Prosa Seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Diário do Hospício; Cemitério dos Vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- BAUMAN, Sigmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Vidas para consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- GOMES, Ângela. *Escrita de si. Escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 1994
- HALL, Stuart. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Liv Sovic (Org.) Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: UFMG/ Brasília: Representação da UNESCO,
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Vozes marginais na literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- SEVERIANO, Mylton. *Paixão de João Antônio*. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2005.